

V SEMINÁRIO DE ESTÁGIO DA UPE
UPE CAMPUS MATA NORTE – PERNAMBUCO
11 a 13 de junho de 2025

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Anthony Cauã Bernardo de Lima e Silva¹
Dário César Oliveira Conceição²
Ana Lucia Gomes Cavalcanti Neto³

Resumo

O estágio supervisionado em licenciatura representa uma etapa fundamental na formação docente, permitindo a articulação entre teoria e prática por meio da vivência em sala de aula. Este trabalho teve como objetivo analisar a relação entre os fundamentos educacionais e a prática pedagógica, propondo uma intervenção para minimizar a baixa participação dos alunos em aulas de ciências. A metodologia incluiu observações iniciais que identificaram o desinteresse dos estudantes, seguida da elaboração de uma intervenção pedagógica baseada no projeto "Maquete como Recurso Didático", que utilizou recursos interativos para ensinar conteúdos sobre a Lua, suas fases e eclipses. As atividades foram divididas em etapas: exposição dialogada com slides, simulações dos movimentos celestes com alunos representando astros, construção de maquetes e dinâmicas como "Verdadeiro ou Falso". A avaliação, de caráter formativo, monitorou o engajamento por meio de registros escritos e fotográficos. Os resultados mostraram que estratégias menos expositivas, como desenhos e jogos, promoveram maior participação coletiva, enquanto dinâmicas que exigiam exposição individual tiveram adesão limitada. Concluiu-se que a diversificação de metodologias, aliada a recursos concretos, potencializam a aprendizagem, embora persista o desafio de envolver todos os alunos de forma equitativa. A experiência reforçou a importância de adaptar práticas pedagógicas aos diferentes perfis discentes, contribuindo para uma docência mais reflexiva e inclusiva.

Palavras-chave: Intervenção Pedagógica. Maquetes. Lua.

Introdução

¹Universidade de Pernambuco - Campus Mata Norte, Licenciando do Curso Ciências Biológicas, anthony.caua@upe.br.

²Escola Estadual Dom Ricardo Vilela, Docente da disciplina de Ciências, dario.cesar@ufpe.br.

³Universidade de Pernambuco - Campus Mata Norte, Docente do Curso de Licenciatura Ciências Biológicas, analucia.neto@upe.br.

O estágio supervisionado como uma formação inicial não pretende ser completo, mas tem caráter de introdução sobre uma determinada área de conhecimento ou grau de ensino, dessa forma essa formação inicial precisa continuar e ser superada e completada no exercício da profissão, pelos futuros licenciados (Rosso, 2007, p. 2).

Nos cursos de graduação o estágio supervisionado de licenciaturas, oferecem uma importante oportunidade para que o acadêmico vivencie a realidade, aprofunde habilidades e conhecimentos em sua área de estudo, além de conhecer o futuro ambiente profissional (Cardoso *et al.*, 2011, p. 7).

De acordo com os autores, o estágio supervisionado exerce diferentes impactos na formação e motivação dos licenciandos para a docência. Enquanto alguns destacam que a experiência contribuiu para o fortalecimento de relações e maior autonomia, outros relataram dificuldades no relacionamento com estudantes e professores regentes, além de desmotivação pela profissão devido à forma como o estágio é conduzido e ao tempo limitado destinado a essa prática. Essa variação evidencia que o sucesso do estágio está relacionado às condições e ao apoio oferecido nos diferentes contextos em que ocorre (Silva *et al.*, 2020. p. 2).

A intervenção no estágio supervisionado é um elemento essencial na formação profissional, por promover uma reflexão crítica sobre a realidade do campo de atuação. Segundo Pimenta e Lima (2012), o estágio não se limita a uma mera reprodução de técnicas, mas constitui um espaço de aprendizagem significativa, em que o futuro profissional pode desenvolver sua identidade docente e compreender as demandas do contexto educacional. Nessa perspectiva, Saviani (2009) ressalta que a mediação pedagógica durante o estágio é fundamental para que o licenciando articule saberes científicos e práticos, transformando a experiência em um processo formativo contínuo e reflexivo.

Nesse sentido, os objetivos desta etapa incluem compreender a relação entre teoria e prática na formação docente, analisando como os fundamentos educacionais se materializam no cotidiano escolar, e realizar uma intervenção

contextualizada na turma observada, adaptando estratégias pedagógicas às necessidades específicas dos alunos, de modo a contribuir para uma atuação docente mais consciente e eficaz.

Metodologia

Durante o estágio supervisionado, foram realizadas observações em sala de aula que identificaram a baixa participação dos alunos como principal problemática, motivando a elaboração de um plano de intervenção pedagógica. Essa proposta, desenvolvida em conjunto com o projeto de extensão "Maquete como Recurso Didático: Uma Abordagem Interativa da Lua e suas Particularidades" (do componente Prática Pedagógica VII), buscou promover maior engajamento por meio de recursos didáticos interativos, como maquetes, visando tornar o aprendizado mais acessível e significativo, superando a passividade inicialmente observada.

A intervenção foi realizada por etapas: No primeiro momento, foram apresentados aspectos relacionados à Lua, como sua origem, formação, composição, localização, distância, movimentos e influência nas marés. O material utilizado incluiu slides com imagens ilustrativas, explicações dialogadas e perguntas interativas dirigidas aos alunos, a fim de facilitar a compreensão do conteúdo. Em um segundo momento, foi realizada uma dinâmica com a participação de três alunos voluntários, cada um recebendo uma placa que representava o Sol, a Terra ou a Lua. Eles simularam, conforme seu entendimento, os movimentos e interações entre esses astros. Na sequência, foi introduzido o tema das fases da Lua. Inicialmente, os alunos receberam uma folha de papel para desenhar como imaginavam essas fases. Em seguida, foi exibida uma maquete feita de isopor, tinta, palitos de madeira e pincéis, representando visualmente o fenômeno. Durante essa etapa, também foram abordados aspectos culturais e sociais ligados à Lua, com questionamentos sobre lendas, crenças e costumes associados a ela. Prosseguindo com a aula, outra maquete, confeccionada com os mesmos materiais, foi utilizada para demonstrar os

eclipses solar e lunar. A explicação foi dividida em duas partes: Demonstração prática – Uma luminária representando o Sol foi usada para simular a formação das sombras durante os eclipses. Orientação sobre segurança – Foram destacados os cuidados necessários ao observar o Sol, incluindo a apresentação de uma lente retangular de proteção, que foi testada pelos alunos. Uma dinâmica semelhante à anterior foi realizada, com mais três alunos representando os astros para simular e diferenciar os eclipses. Por fim, um desafio no formato "Verdadeiro ou Falso" foi aplicado, contendo dez afirmações para revisar e consolidar o aprendizado. Após as respostas, serão distribuídos pirulitos com curiosidades sobre a Lua, e cada aluno escreveu uma palavra que define o significado daquele momento para eles, com isso foi desenvolvido uma nuvem de palavras que sintetiza os pensamentos dos alunos, que pode ser observado na figura 2.

A avaliação foi formativa, com observação contínua da participação ativa dos alunos durante as dinâmicas aplicadas – critério essencial, uma vez que a intervenção teve como foco superar a falta de engajamento identificada inicialmente. Foram avaliados o envolvimento, a expressão e as contribuições individuais e coletivas em todas as atividades, com destaque para as interações durante as simulações, discussões e uso dos recursos didáticos. Além da análise qualitativa das argumentações desenvolvidas do interesse manifestado, utilizaram-se registros fotográficos e anotações sistemáticas para documentar a evolução da participação, assegurando uma avaliação abrangente e alinhada aos objetivos da proposta pedagógica implementada.

Análise e discussão

A partir da vivência, podemos destacar que, embora um grupo considerável de alunos demonstrasse engajamento, eram frequentemente os mesmos indivíduos que participavam, revelando uma resistência por parte dos demais. Essa situação encontra ressonância nas discussões de Pimenta e Lima (2012) sobre os desafios

de promover participação equitativa em ambientes educativos. Como pode-se observar na repetição dos alunos na Figura 1.

Embora o assunto em si não tenha gerado tantas interações diretas sobre o conteúdo teórico, a maioria dos estudantes demonstrou satisfação com a intervenção, conforme evidenciado pelas palavras que utilizaram para descrever a experiência, como pode ser observado na Figura 2. O engajamento dos alunos superou as expectativas, principalmente nas dinâmicas que exigiam maior exposição individual, como as simulações dos movimentos celestes e dos eclipses. No entanto, as atividades que demandam menor exposição pessoal, como o exercício de associação "Verdadeiro ou Falso" e a representação gráfica das fases lunares, mostraram-se significativamente mais eficazes em envolver toda a turma. Esse fenômeno corrobora as perspectivas de Rosso (2007) sobre a importância de diversificar estratégias pedagógicas para atender a diferentes perfis de aprendizes e níveis de conforto dos estudantes. Enquanto alguns se destacaram em atividades mais interativas e expositivas, outros demonstraram maior participação e compreensão em tarefas menos individuais, reforçando a necessidade de equilibrar metodologias ativas e colaborativas no processo de ensino.

Os resultados obtidos reforçam a necessidade apontada por Silva *et al.* (2020) de desenvolver abordagens que equilibrem atividades expositivas e não-expositivas, criando múltiplas oportunidades de participação. Essa reflexão é particularmente relevante quando consideramos, com Saviani (2009), que a efetividade do processo educativo está intimamente ligada à capacidade de envolver todos os aprendizes de maneira significativa.

Figura 1: Dinâmicas realizadas no projeto.



Fonte: Autoria, 2025.

Figura 2: Nuvem de Palavra feita com a opinião dos alunos sobre a aula.



Fonte: Aatoria, 2025.

Conclusão

A intervenção pedagógica com maquetes e atividades práticas mostrou-se eficaz para aumentar o engajamento dos alunos no estudo da Lua e seus fenômenos. As dinâmicas menos expositivas, como o "Verdadeiro ou Falso" e os desenhos das fases lunares, promoveram maior participação coletiva em comparação com atividades que exigiam mais exposição individual. A experiência evidenciou que a combinação de recursos visuais, atividades mão-na-massa e abordagens culturais pode tornar o aprendizado mais significativo, embora permaneça o desafio de envolver todos os alunos de forma equitativa. Os resultados sugerem que estratégias diversificadas, adaptadas aos diferentes perfis dos estudantes, são fundamentais para uma aprendizagem científica mais inclusiva e eficaz.

Referências

PIMENTA, Selma Garrido e LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. São Paulo, SP: Cortez, 2012.

SAVIANI, Dermeval. **Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro**. Rev. Bras. Educ. [online]. 2009, vol.14, n.40, pp.143-155. ISSN 1413-2478.

CARDOSO, Susana, *et al.* **Estágio Supervisionado em Unidades de Produção Agrícola**. Editora da UFRGS. Porto Alegre/RS, 2011. 100p.

ROSSO, J. A. **Avaliação dos significados atribuídos pelos estagiários à metodologia e Prática de Ensino de Biologia**. Práxis Educativa, Ponta Grossa PR. V.2, n.2, p.131-144, 2007.

SILVA, Marlene de Lima; RODRIGUES, Adriano Sérgio; GUSMÃO, Eliezer José de Oliveira. **O estágio supervisionado e a formação docente: desafios e possibilidades**. *Cadernos de Educação*, v. 15, n. 3, p. 395-412, 2020. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ciedu/a/hWg3phrNQy6t7PFF75pNjrQ/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em: 24 mar. 2024.